

Que FORMIGA!

CONVERSA SÔBRE A SAÚVA



POR *J. Reis*

SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DIRETORIA DE PUBLICIDADE AGRÍCOLA
S. PAULO

ILUSTRAÇÕES DE
ARMANDO BALLONI

SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA
E COMÉRCIO
DIRETORIA DE PUBLICIDADE AGRÍCOLA
SÃO PAULO

Que Formiga!

CONVERSA SOBRE A SAÚVA

por J. Reis



ILUSTRAÇÕES DE

Armando Balloni



INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA - RUA AUGUSTA, 235 - SÃO PAULO

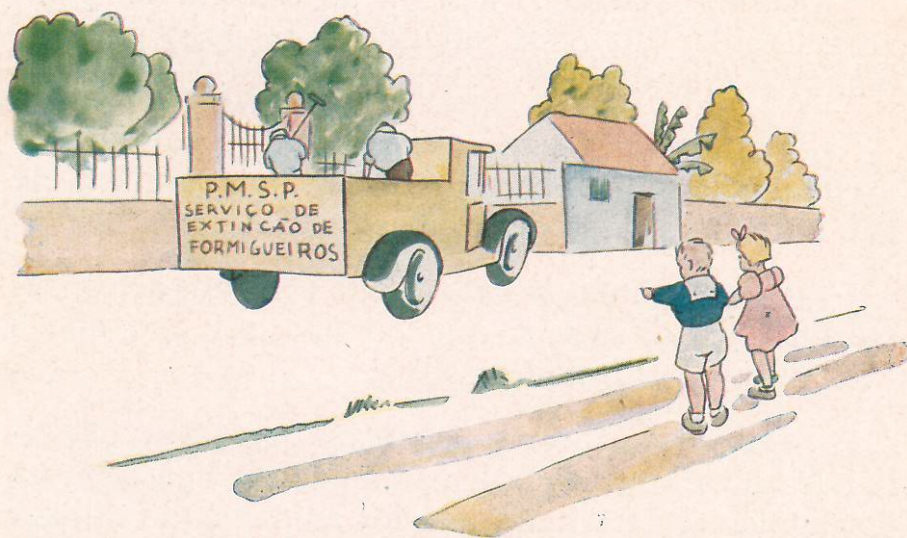
1 9 4 4

● *O texto dêste livro foi baseado, em grande parte, nas pesquisas de MÁRIO AUTUORI, assistente do Instituto Biológico (Departamento de Defesa Sanitária da Agricultura). Ao mesmo Instituto pertencem os originais das ilustrações de A. Balloni.* ●

OS MATA-FORMIGAS

As crianças brincavam no jardim quando parou diante da chácara fronteira um caminhão do qual saltaram alguns homens que carregavam enxadas, foles e latas.

Atraída pela chegada do caminhão, Cecília logo correu para o portão e pôs-se a contemplar, muito interessada, o que faziam os homens. Quando chegou seu irmão Carlinhos, já os homens haviam



É muito fácil saber, disse Carlinhos. Basta ler o que está escrito no caminhão!

Mas Carlinhos não esqueceu as formigas.

— Ora essa, pensava êle, que luxo o do Coronel Candoca! Chamar uma porção de homens para matar formigas!!

Carlinhos sempre gostara de mexer com formigas. Gostava de vê-las no quintal, quando passavam em longas filas, como batalhões de soldados, umas carregando coisas, outras correndo de lá para cá como se estivessem a levar recados, sempre a mover com os “chifrinhos” da cabeça. E gostava de enfiar nos formigueiros uma varinha qualquer para fazer as formigas dispararem a correr.

Êle não podia compreender que a gente matasse as formigas e muito menos que fôsem necessários tantos homens, com ferramentas tão grandes...

TIO PAULO EXPLICA

Quando o tio Paulo chegou da rua, lá pelas cinco horas da tarde, e se trancou no quarto para estudar, Carlinhos ficou rondando à porta, ansioso para contar ao tio o que se passara na casa do Coronel Candoca. Certamente o tio saberia explicar por que motivo o Coronel não matava as formigas êle mesmo...

O quarto do tio Paulo era verdadeiro museu: além dos muitos livros, havia uma porção de bichos empalhados ou conservados dentro de álcool, e plantas sêcas, e um bonito microscópio. Carlinhos gostava de entrar lá e olhar aquela bicharada. Gostaria também de mexer no microscópio, mas êste estava sem-

pre fechado em uma caixa que só o tio Paulo podia abrir.

Afinal, depois de muito matutar, Carlinhos arranjou um bom pretexto para entrar no quarto e puxar conversa com o tio. Lá embaixo, na sala de jantar, havia uma carta para o tio Paulo, trazida pelo carteiro da manhã. Foi buscá-la e levou-a ao tio.

Tio Paulo era muito bom para Carlinhos e gostava muito dêle. Levava-o sempre a passear pelos parques da cidade e contava histórias bonitas sôbre a vida dos animais.

Quando Carlinhos perguntou porque é que o Coronel Candoca mandara vir tantos homens para matar formigas, tio Paulo sorriu e explicou:

— As formigas que o Coronel mandou matar não são iguais às que você conhece, Carlinhos. São muito piores. São as chamadas “saú^{ção} da cas^{ção}”. Elas estragam tôdas as plantas; são uma pr^{ção} ruim, tão má, que um sábio certa vez disse niga mu poderiam acabar com a nossa terra, estragar tôdas as plantas de nosso país. Quando elas aparecem num quintal, numa horta, numa plantação, fazem estragos tão grandes que no fim de algum tempo a plantação está tôda perdida.

— E aquela formiguinha preta que há lá no quintal, também estraga as plantas? E aquela vermelhinha que come açúcar e dá umas ferroadas danadas na gente, também ela estraga as plantas?

— Não; nem tôdas as formigas estragam as plantas. Algumas não se importam com plantas, mas vivem de lambiscar restos que encontram.

Você com certeza já viu o que acontece quando a gente esmigalha uma barata no chão: ao fim de algum tempo aparece ali uma formiguinha, atraída pelo “cheiro do petisco”; chega outra e mais outra, e em breve a barata morta está rodeada de formiguinhas; cada uma segura um pedacinho da barata, uma puxa daqui, outra dali, e a barata acaba sendo até carregada...

— É sim; outro dia eu vi isso lá no banheiro. Como é que umas formiguinhas tão pequeninas podem carregar uma barata tão grande?

— Uma formiguinha sòzinha não poderia com a barata; mas muitas, trabalhando juntas, podem. É por isso que se diz que a “união faz a fôrça”...

-- E elas estão sempre mexendo os “chifrinhos”, não é?

— Mas o que não se chama “chifre”, é antena. Quem tem **TI** é boi.

— Boi so, nao! cabra também tem chifre.

— É verdade, mas deixe lá o boi e a cabra e voltamos à formiga: aquêles dois “chifrinhos” que as formigas têm na cabeça e que estão sempre mexendo, são as “antenas”.

A CASA DA SAÚVA

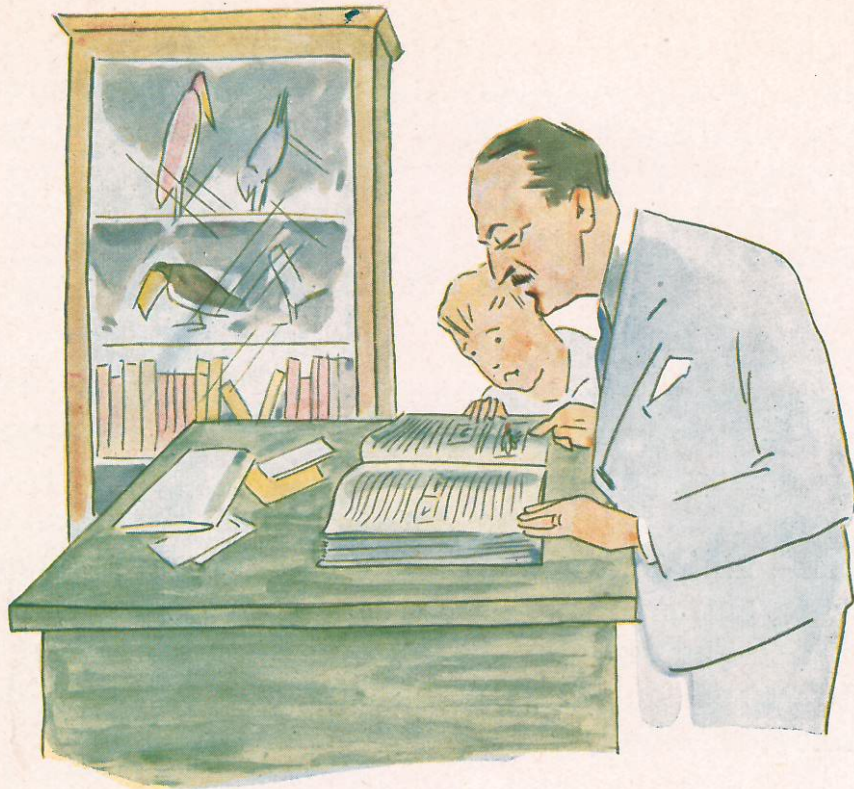
— Pois bem, continuou tio Paulo, umas formigas gostam de comer baratas, outras de lambiscar açúcar. Nem tôdas estragam as plantas. Mas se essas formiguinhas que lambiscam não nos atrapalham muito, outras há que são verdadeiro desespero! Imagine só que quando uma formiga chamada “correição” cisma de entrar numa casa, não há meios de enxotá-la; o melhor é a gente sair da casa!...

— E essa correição é uma formiga muito grande, titio?

— Não, não é muito grande...

E assim dizendo, tio Paulo foi à estante e de lá trouxe um livro grande, cheio de formigas. Virou diversas fôlhas até parar numa grande em que havia muitas formigas pintadas. E apontou uma delas, que era a correição.

— Aqui está a saúva, disse apontando para uma outra, que tinha enorme cabeça com duas espécies de dentes grandes na boca. — Aqui está a terrível saúva, nossa grande inimiga.



Aqui está a saúva, disse apontando para uma outra...

Ao lado havia outra formiga, bem menorzinha. Carlinhos perguntou que formiga era aquela e ficou espantado quando o tio respondeu que era saúva também.

— Ah, já sei, é o filhinho da outra, não é?

— Não, explicou o tio. É a irmã da outra. Ela é pequena mas não é criança; é tão velha como a grande. Na família da saúva há formigas que são grandes e outras que são pequenas, assim como há pessoas altas e baixas na casa da gente...

Então tio Paulo virou outra fôlha do livro e mostrou a Carlinhos uma figura grande em que apareciam os retratos de tôdas as formigas que existem na casa da saúva; há saúvas grandes, quase do tamanho dum marimbondo, e saúvinhas pequeninas, do tamanho da formiguinha preta do quintal.

— Chi, que família grande tem a saúva!

— E isso não é nada: nesta figura você vê apenas umas vinte formigas. Mas dentro de cada **sauveiro**, isto é, de cada família de saúvas, você encontra uma porção de formigas iguais a cada uma das que estão pintadas aqui na figura... A mãe de tôdas elas, a Dona Içá-Mãe, é a maior de tôdas.

Carlinhos estava mesmo interessado nas formigas; olhava de uma para outra, como se estivesse a compará-las, e afinal exclamou, apontando para a figura de uma formiga grande que tinha duas asas:

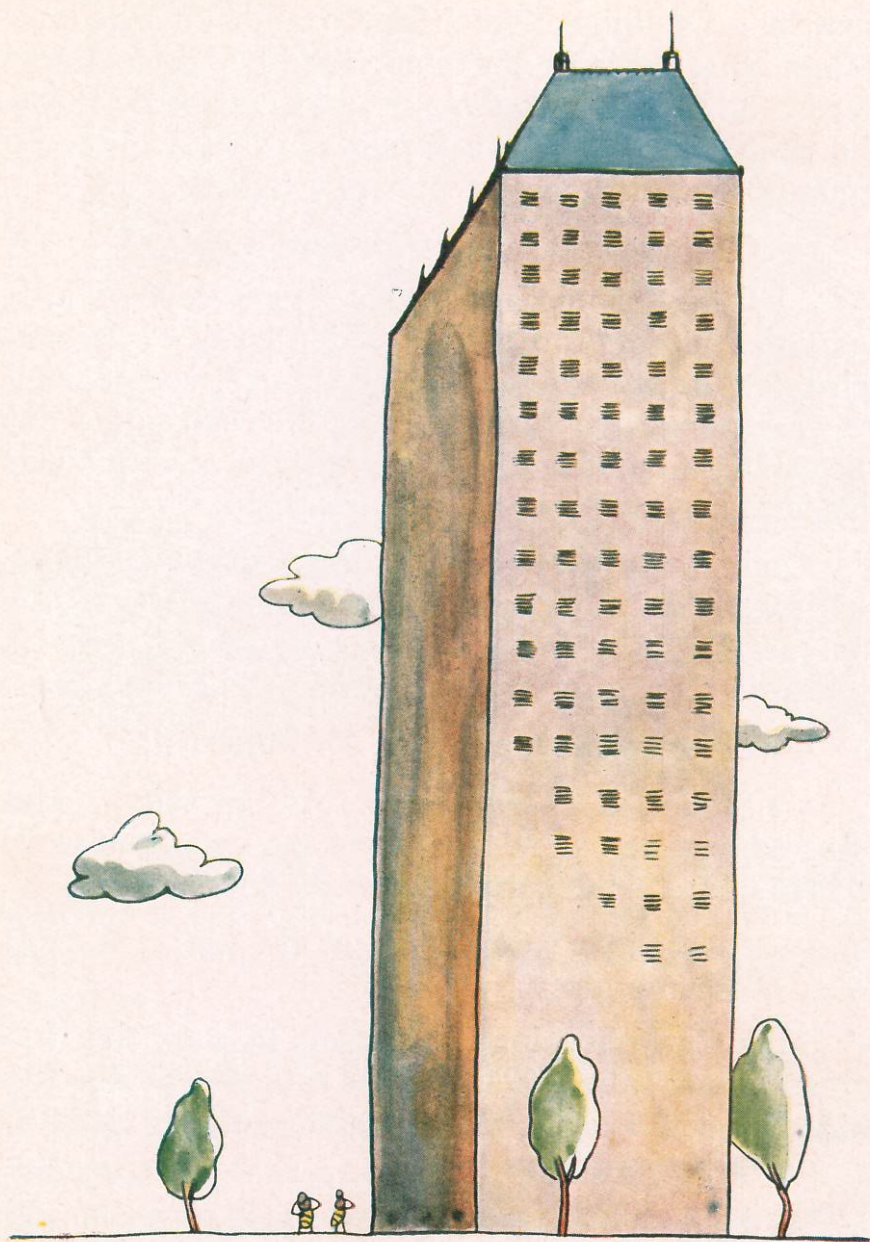
— E essa aqui também é formiga, titio?

— Sim, essa aí também é formiga saúva. Mas essas saúvas de asa só aparecem no formigueiro de vez em quando, em certos meses do ano...

— Que engraçado, formiga de asa! Há cada coisa nesse mundo!...

Mas Carlinhos logo esqueceu as asas das formigas e quis saber se as saúvas moram em um formigueiro como o da formiguinha preta do quintal, ao que o tio respondeu:

— Não, elas moram num formigueiro muito maior e muito mais fundo. Um saúveiro pode ir daqui de nossa casa até a casa do Coronel Candoca,

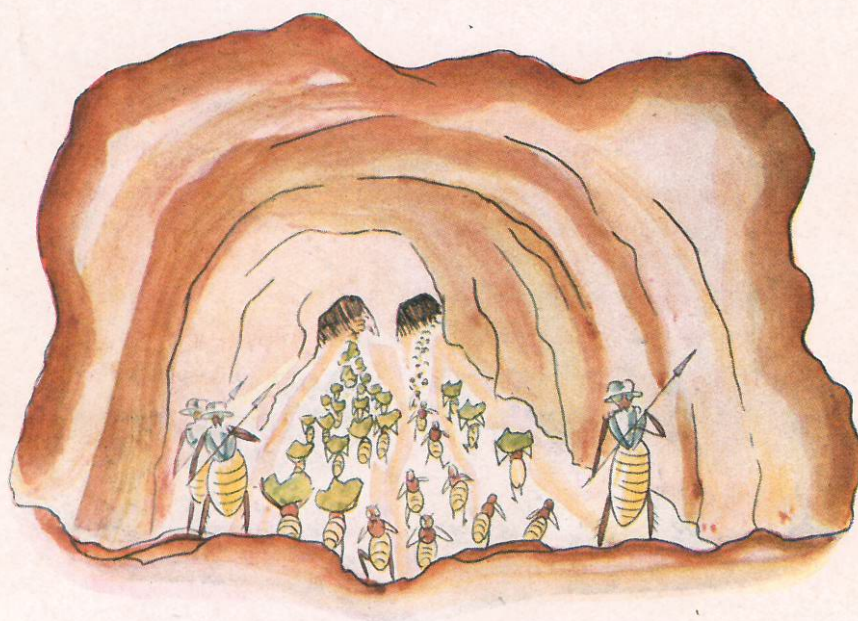


Se as formigas fôsem do tamanho dos homens, os saueiros seriam maiores
que o Martineli.

lá do outro lado da rua. Os grandes saueiros podem penetrar até 5 a 6 metros abaixo da terra, isto é, podem ser quase tão altos como a casa em que moramos! Se você cavasse o chão num lugar em que houvesse um saueiro, veria uma porção de túneis descendo pela terra a dentro e unindo-se uns aos outros, como corredores de uma casa muito grande. Alguns desses túneis vêm abrir-se à flor da terra, formando os "olheiros", que são as portas do formigueiro, por onde saem e entram as saúvas. Em tôrno desses olheiros as saúvas ajuntam terra fôfa...

— As formiguinhas lá do quintal também fazem isso...

— Exatamente. Mas as saúvas ajuntam muito mais terra em tôrno de seus olheiros: elas levantam



...uma porção de túneis unindo-se uns aos outros como as ruas de uma cidade...

verdadeiros montes que podem ter a altura desta mesa e até mais (e o Tio Paulo apontou para sua escrivaninha cheia de livros e papéis e bichos empa-lhados). Dentro da terra todos os “corredores” dão caminho para grandes salas, as “panelas”, onde as saúvas guardam a comida...

Enquanto Tio Paulo falava de panelas e comida, o ouvido de Carlinhos estava atento para o ruído gostoso da louça que a empregada arrumava na mesa da sala de jantar. Era hora do jantar, e não tardou que a criada viesse anunciá-lo:

— O jantar está na mesa!

UM JANTAR COM FORMIGAS

Quando Tio Paulo e Carlinhos chegaram à sala, já tôda a família estava à mesa e Mamãe servia um viradinho que parecia delicioso.

— Aposto que a comida da saúva não é tão gostosa, foi logo dizendo Carlinhos enquanto puxava a cadeira para sentar-se.

— Que idéia é essa de saúva, perguntou D. Rita (a mãe dos pequenos). Será que saúvas também comem viradinho?

— Isso é que não, disse Pedrinho, que era o irmão mais velho de Carlinhos e já estava no último ano do grupo. Saúva come é fôlha de árvore.

— Não, corrigiu Tio Paulo, a saúva não come fôlha de árvore...

— Mas, titio, eu vi numa fita: a saúva cortava as fôlhas tôdas e deixava as árvores depenadas...

— Sim, é verdade que ela “corta” as fôlhas. Mas não “come” essas folhas...

— Ué, então para que corta?...

— Cada pedacinho de fôlha é levado para o sauveiro, onde é muito bem mastigado pela saúva

e transformado numa espécie de papa que serve de estrume para a horta das formigas.

— Horta?

— É; dentro do sauveiro, na “panela”...

— Panela é a sala de jantar do sauveiro, adiantou Carlinhos, que assim dava mostras de seus conhecimentos.

— Pois é: na panela as saúvas vão amontoando o tal estrume de fôlhas mastigadas e com êle formam um montinho cheio de buracos, muito parecido com uma esponja. Nesse montinho, que é, afinal de contas, um canteiro, elas cultivam uma plantinha muito parecida com o bolor...

— Ué, bolor é planta?! eu sempre pensei que bolor fôsse sujeira grudada nas coisas, exclamou Pedrinho.

— É planta, sim. Muito diferente das plantas comuns que você conhece, mas é planta!

— Mas bolor não tem fôlhas, tem?

— Nem fôlhas, nem flores e nem raízes! É uma das plantas mais simples que há, é um “cogumelo”.

— Cogumelo é o chapèuzinho de sol que dá debaixo das árvores; lá no quintal tem muitos! disse Carlinhos.

— Tem muitos, não senhor! emendou o dr. André, que era o pai dos meninos; “há muitos”!...

E por causa desse êrro de português o pobre do Carlinhos levou uma grande vaia dos irmãos. O dr. André gostava de que todos em casa falassem corretamente. E tinha razão, pois é muito feio falar erradamente a própria língua!

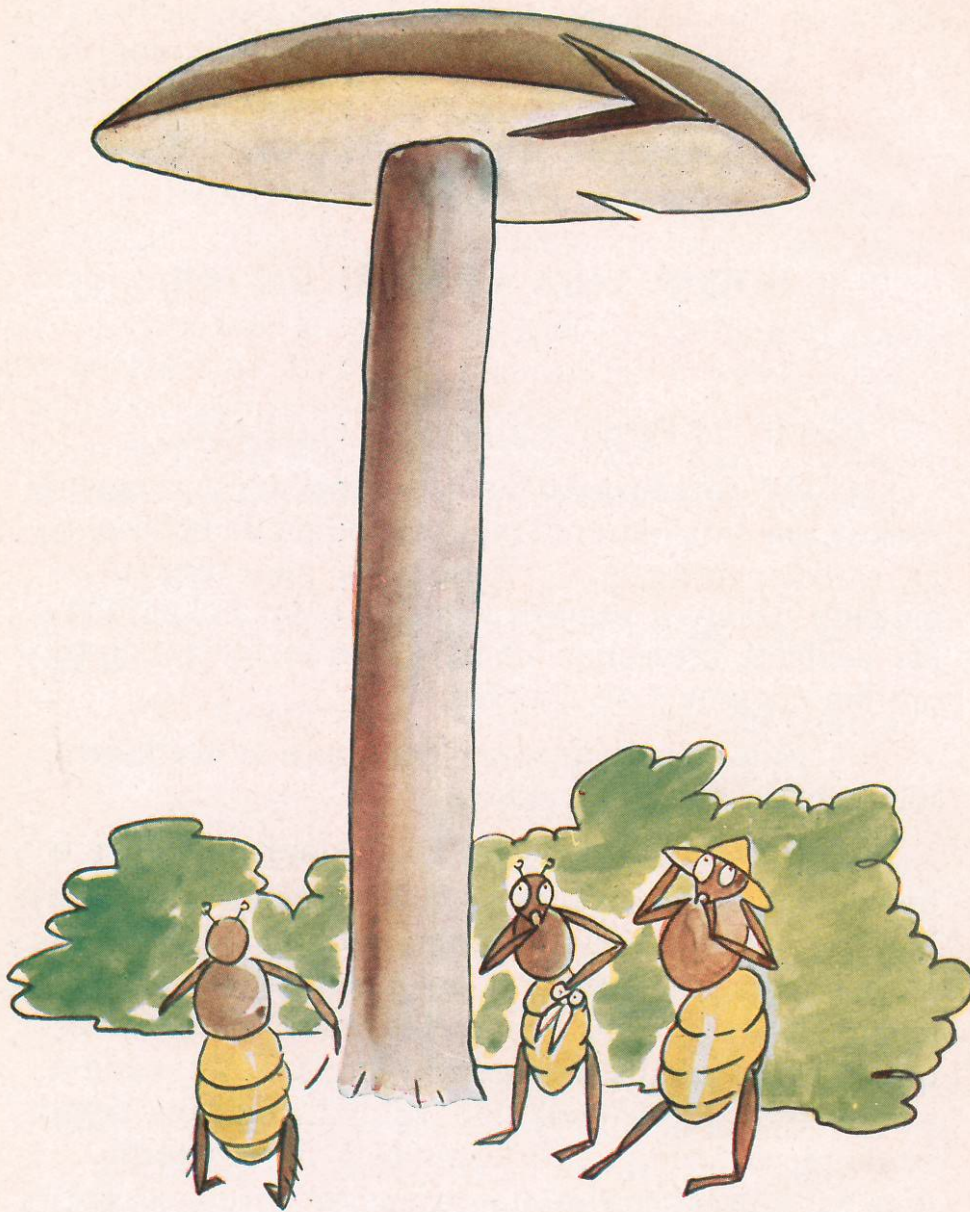
O BOLOR VIRA CHAPÉU DE SOL

Mas o Tio Paulo continuou a explicação.

— O “chapèuzinho de sol” também é um cogumelo, e por sinal parente muito próximo do bolor que as saúvas cultivam... E se elas não tiverem o cuidado de viver sempre a podar o tal bolorzinho, êle acabará crescendo demais e transformando-se em um cogumelo de chapéu!

— Então é que deve ser bom para as formigas: têm comida até “dizer chega”!

— Isso é que não! elas só gostam de comer o bolor quando êle está bem rasteiro no chão, ou melhor, nos canteiros; assim como uma plantaçozinha de cenouras... Quando o bolor se transforma em cogumelo de chapéu não presta mais. Além disso, quando o chapéu dá de crescer é um desastre: nada o pode conter. Êle vai subindo, subindo, e acaba arrebitando o formigueiro e saindo à flor da terra... Mas isso só acontece muito raramente porque as saúvas são muito caprichosas e vivem a cuidar de sua horta; nada as distrai de seu ofício; estão sempre podando o bolorzinho para que êle não cresça demais.



E agora?! Quando o bolor se transforma em cogumelo de chapéu não presta mais.

E elas só comem esse bolor, titio? perguntou Pedrinho com ar penalizado. Ele era muito guloso e não

podia compreender que as saúvas se contentassem com uma coisa só.

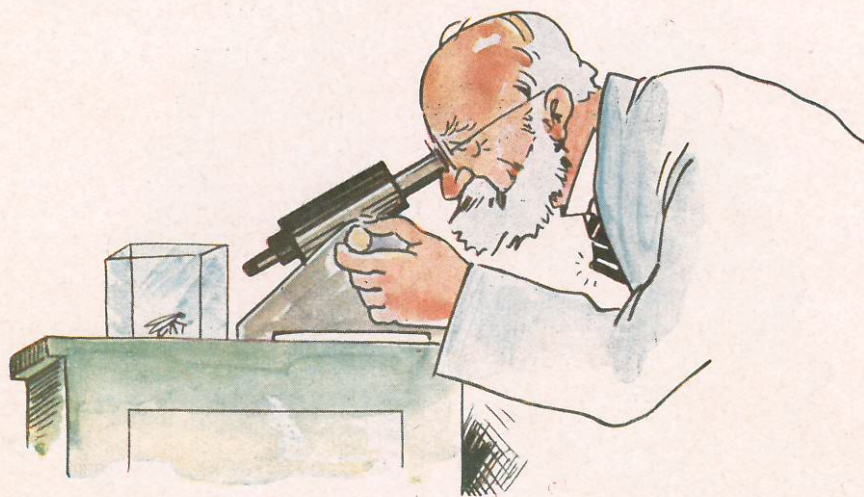


Estão sempre podando o bolorzinho para que ele não cresça demais.

— Só, só! Sem cogumelo elas morrem, e é por isso que o cultivam com tanto carinho. Existe apenas um momento em que as saúvas comem outra coisa: é quando a Dona Içá-Mãe está começando a construir o seu sauveiro e o bolor ainda não cresceu. Então ela come os próprios ovos, que também dá aos primeiros filhotes que nascem. Vocês haviam de gostar de ver como os filhotes se alimentam, chupando os ovinhos como se fôsem mamadeiras.

— E como é que a gente pode ver tudo isso, se tudo se passa lá em baixo da terra? perguntou Carlinhos.

— Os cientistas arranjam meios para descobrir tudo... Pois nos laboratórios êles criam as saúvas dentro de gaiolinhas com paredes de vidro e com o



Os cientistas observam com o microscópio a vida das saúvas, que êles criam em gaiolinhas de vidro.

microscópio observam tôda a vida delas. A Dona Içá-Mãe põe seus ovinhos como se fôsse uma galinha...

— Por falar em galinha, disse D. Rita, há cinco dias que a Maricota não põe (Maricota era a melhor galinha do quintal). Tomara que não seja doença!

— Qual doença! Com certeza a galinha está de férias, disse o dr. André. Depois que o pessoal do Govêrno andou por aqui e ensinou a cuidar das galinhas, nunca mais apareceram aquelas doenças que todos os anos matavam tantos animais...

— Sim, mas a saúva é muito melhor poedeira que a Maricota, interveio Tio Paulo.

E com grande admiração de D. Rita, Tio Paulo contou que D. Içá-Mãe, que é a rainha do sauveiro e mãe de tôdas as formigas que nêle moram, pode pôr até vinte ovos por dia.



A saúva é muito melhor poedeira que a Maricota.

— Santo Deus, — exclamou D. Rita — vinte ovos por dia, e cada ôvo dando uma nova saúva! É um nunca acabar de formigas!

— Ainda bem que em cada sauveiro só existe uma rainha, explicou Tio Paulo, e sòmente ela põe ovos.

— Então as outras saúvas não botam? perguntou Carlinhos.

— Não, as outras saúvas fazem outras coisas; cuidam da casa, vão buscar fôlhas... Por sua vez, D. Içá-Mãe não faz outra coisa senão pôr ovos.

— As abelhas também fazem assim, disse o dr. André. Dentro de cada colmeia só existe uma abelha

que põe ovos: é a abelha-mestra. As outras fazem o mel e a cera, limpam a casa...

Quando a conversa estava nesse pé, o jantar acabou e todos se retiraram para a sala de visitas. Havia um grande jogo de futebol que tôdas as estações de rádio iam transmitir. Enquanto Tio Paulo foi ao quarto buscar seu livro de formigas, Pedrinho tratou de sintonizar para a melhor estação, pois era valente "torcedor".

AS CRIADAS DE DONA IÇÁ-MÃE

Não sòmente as crianças estavam interessadas no assunto. Também o dr. André e D. Rita quiseram ver as figuras das saúvas e começaram a fazer perguntas e mais perguntas sôbre a vida dêsses interessantes animais.

Dona Rita, que vivia sempre às voltas com as empregadas, que não paravam em casa e estavam sempre a esquecer-se de suas obrigações, ficou maravilhada ao saber que D. Içá tem as melhores criadas dêste mundo: dentro do sauveiro tudo é limpo e asseado; pois há formigas encarregadas de todos os serviços de limpeza. Faz gôsto vê-las de lá para cá em seu afã de tudo limpar.

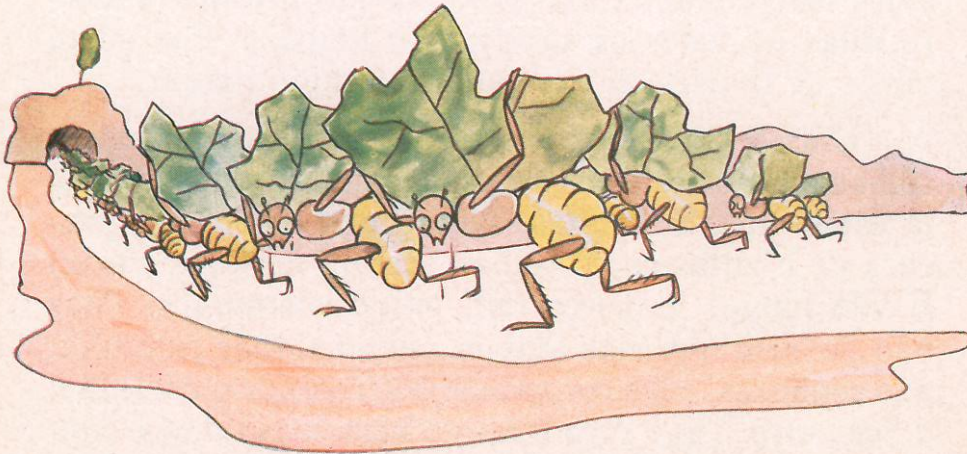
E as cortadeiras! Essas são as que vão buscar fôlhas para os canteiros da hortazinha; todos os dias lá estão elas, diligentes, saindo dos olheiros à procura de plantas cujas fôlhas possam cortar e trazer. E vão longe! E percorrem longos caminhos. Mas não pensem que elas andam por qualquer caminho; não senhores! Elas constroem o seu próprio caminho, o "carreiro", que roçam muito bem roçadinho e conservam sempre limpinho, empurrando para a bei-



Dentro do saueiro há formigas encarregadas da limpeza.

rada tôda a sujeira que encontrem ou que elas mesmas façam...

E são espertas como quê! Se descobrem inimigos por perto (galinhas, galinhas de Angola, ta-

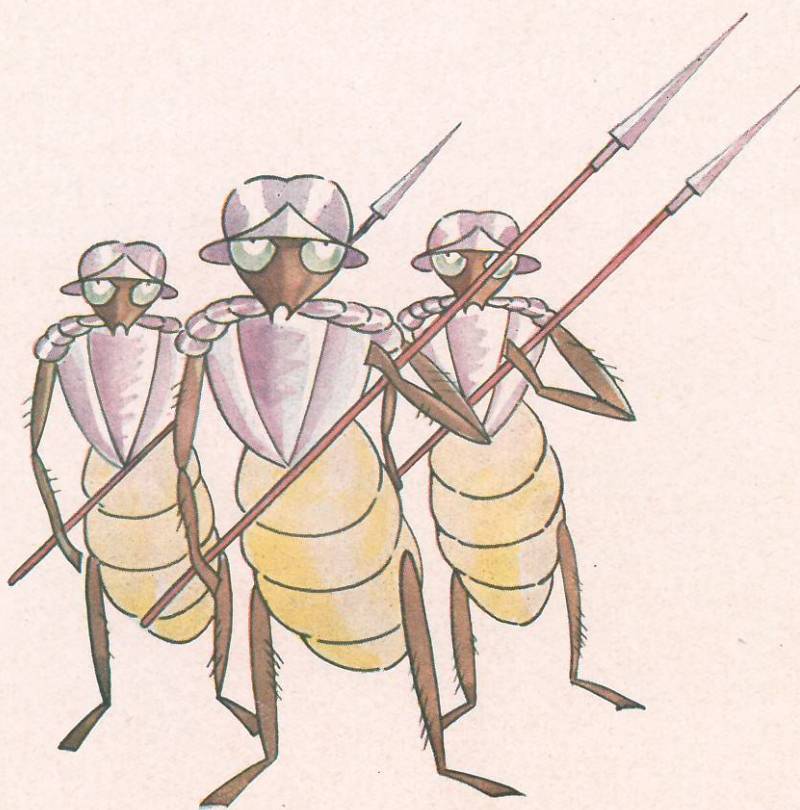


As cortadeiras.

[24]

tus...) logo tratam de mudar o horário dos passeios e passam a trabalhar à noite.

Além das arrumadeiras e das cortadeiras, ainda há no saueiro as “amas-sêcas”, que cuidam das sauinhas novas, e os “soldados” que tomam conta de tudo e defendem a família contra o ataque de outros animais. São valentes êsses soldadinhos e não sabem o que seja medo. Se algum animal se aventura a intrometer-se no saueiro, ai dêle. Os soldados logo lhe caem em cima com ferroadas medonhas. E



Os soldados prontos para defender o serviço.

quando os soldados de um saueiro encontram em seu caminho os de outro, nem queiram saber! Aí é que sai briga feia mesmo de verdade.

É muito curioso como tôdas as formigas de um saueiro trabalham em ordem, cada qual fazendo com perfeição o seu trabalho, sem se intrometerem na vida das outras.

FESTA DO CASAMENTO

Lá para os meses de setembro a dezembro o saueiro se torna mais alegre. É a época de grandes festas e alegrias. A casa enche-se de risos como quando as crianças voltam do colégio... Nessa época podemos ver que, além das empregadas e dos soldados, andam pelo saueiro outras formigas mais elegantes que as demais, pois têm asas; são as içás novas e os bitus. As içás novas são as noivas dos

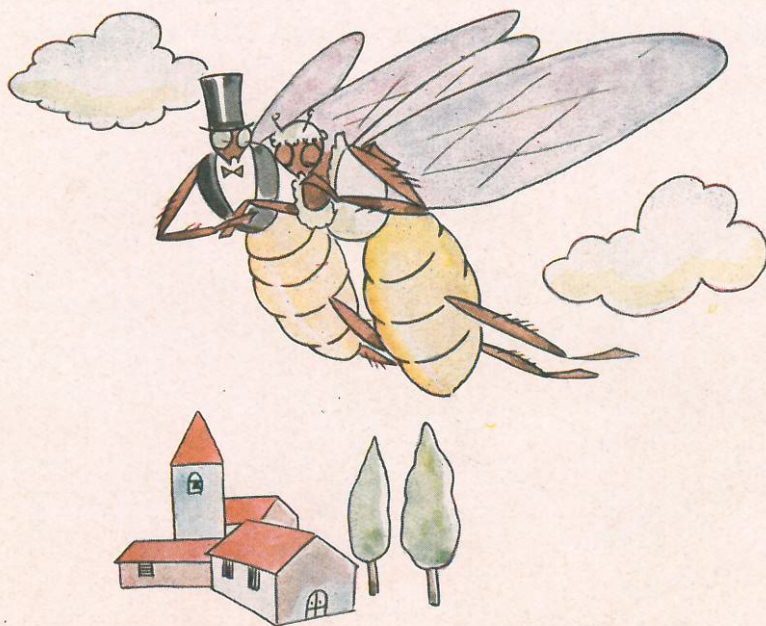


Cada içá recebe da Içá Mãe um pedaço pequenino do bolor, como se fôsse um pedaço do grande bolo de casamento.

bitus e vivem de lá para cá a cuidar das grandes festas do casamento.

Quando se aproxima o dia da grande festa é um corre-corre nunca visto no saueiro. Pelos olheiros começam a sair os soldados, que se vão espalhando pela redondeza e por aí ficam, guardando os olheiros, atacando todos os bichos que queiram aproximar-se. Depois aparecem as içás e os bitus com as suas grandes asas brancas como se fôsem véus de noivas. Mas antes de sair as içás não se esquecem de ir à panela e apanhar um pedacinho pequenino de bolor, que guardam jeitosamente dentro da boca, mas não engolem. Vocês verão mais tarde para que é que elas fazem isso...

As içás e os bitus mexem com as asas, como a armar vôo, e de repente lá vão êles em revoada pelo



As içás e os bitús vão em revoada pelo espaço afora...

espaço afora. É lindo como uma procissão o espetáculo dessa porção de insetos alçando vôo.

Partidas as içás e os bitus, o sauveiro volta à calma de sempre. Soldados e empregadas retornam ao trabalho de todo o dia. Dona Içá-Mãe fica de novo sòzinha entre os soldados e as empregadas, que tudo fazem para ela. Novas içás e novos bitus virão depois, para substituir os que acabam de partir para o casamento e que nunca mais voltarão.

QUEM CASA QUER CASA

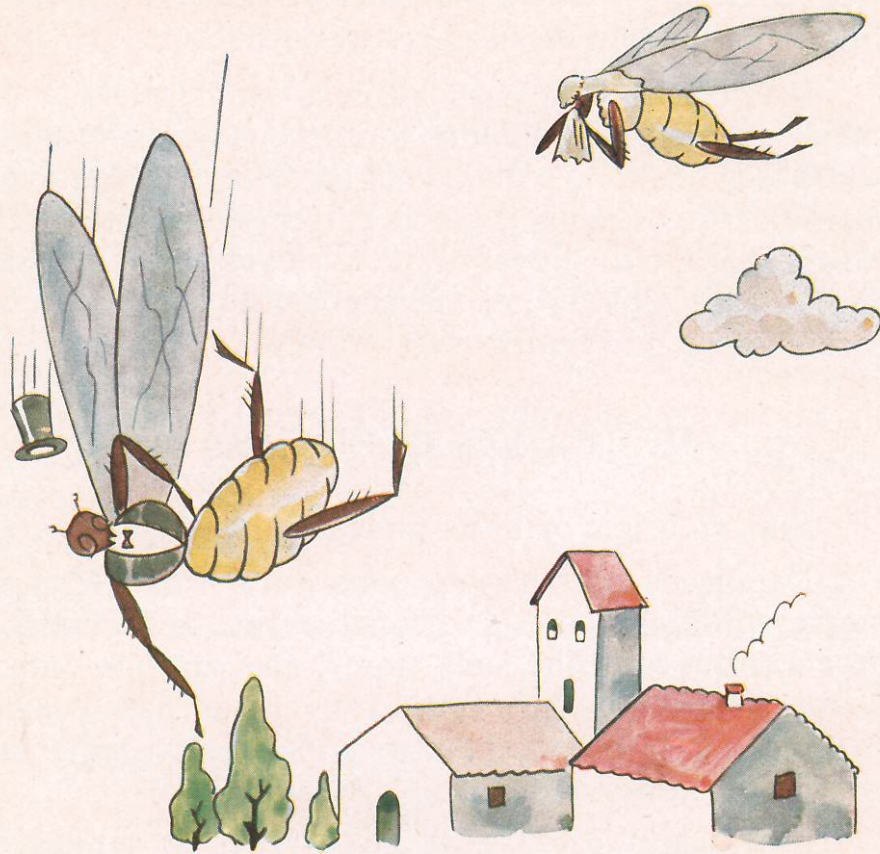
Sim, as içás e os bitus nunca mais voltarão.

Depois do casamento pouco dura o bitu. Logo morre, coitado! Mas a içá é valente e trata de ir voando procurar um cantinho para morar, um cantinho onde possa construir o seu próprio sauveiro e fazer como fazia Dona Içá-Mãe: pôr muitos ovos para encher o mundo de novas saúvas...

Esse cantinho às vezes é muito longe do sauveiro em que a içá nasceu. A içá no seu vôo, irá até onde o vento a levar. Onde cair e pousar, aí começará a construção de sua casa.

Em primeiro lugar largará as asas, de que não mais precisará. Depois começará a cavoucar o chão, à custa de seus próprios dentes. Abrirá um olheiro, depois um túnel, e por fim fará uma panelinha.

Pronta a primeira panelinha, a içá tapa com terra o túnel por onde entrou e assim fica fechada dentro da panela. Cospe, então, num cantinho da



O bitu logo morre, coitado!, deixando viúva a pobre içá.

panela o pedacinho de bolor que trouxera do sauveiro da Içá-Mãe, e assim começa a hortazinha de um novo sauveiro.

Enquanto o bolorzinho não cresce (e isso vai devagar!) não pensem que a içá “espera sentada”... Nada disso; ela toca para a frente, a cuidar da vida: começa logo a pôr ovos.

E põe ovos de duas qualidades: uns pequeninos e outros maiores. Os ovos pequeninos ela vai guar-



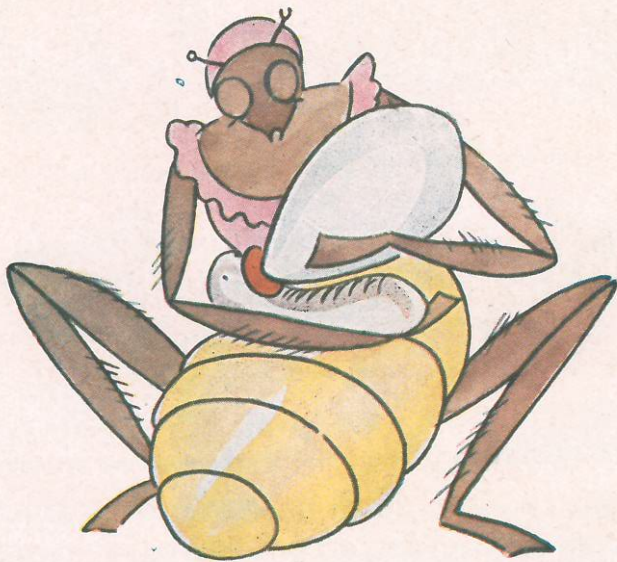
Os filhotes não se parecem com a mãe nem um pouquinho.

dando num canto, e dêles nascerão seus filhotes. Os outros ovos, os grandes, só servem para comida: a içá os vai comendo enquanto não acha bolor na horta, e

também os dá de comer aos primeiros filhotes que nascem.

Quase um mês depois de ter pôsto os primeiros ovos pequeninos, a içá tem uma grande alegria: vê nascerem seus primeiros filhinhos! Que feiosos são êles! Não se parecem com a mãe nem um pouquinho: não têm perna, não têm jeito de formiga: parecem mais uns grãozinhos de feijão branco, muito pequeninos, mas muito pequeninos mesmo, e com uma boquinha em uma das pontas...

Mas a içá está muito contente e vai buscar os tais ovos grandes, que ela costuma comer, e os dá aos filhotes, que já estão com uma fome doida. Só vendo o cuidado da içá! Ela carrega o ôvo com todo o jeito e mete uma das pontinhas na boca do filhote, de modo que êste possa chupar à vontade como criança mamando na mamadeira.



Os primeiros filhotes de D. Içá mamam num ôvo como se fôsse na mamadeira.

Enquanto isso, o bolorzinho vai crescendo, vai crescendo, e novos filhotes vão nascendo.

Duas a três semanas depois de terem nascido, já os filhotinhos começam a ter jeito de formiga, mas ainda são branquinhos. Mais duas semanas, e ei-los que começam a mover-se e estão prontos para ajudar a mamãe içá. E que boas filhinhas são elas: umas começam a limpar a casa e tratar das irmãzinhas mais novas: outras sobem pelo túnel e abrem de novo o olheiro que a içá fechara, e atiram-se ao mundo à procura de fôlhas com que estrumar o bolorzinho. Agora, sim! o bolorzinho vai crescer que é uma beleza!

A medida que nascem novos filhotes, a içá não precisa mais pôr os tais ovos grandes, pois já existe bolor de sobra no canteiro!

Mas o espaço é pouco e as filhas de D. Içá começava abrir novos túneis, a cavoucar novas panelas, para fazer novas hortas. E assim o formigueiro vai crescendo cada vez mais...

É JUDIARIA MATAR FORMIGAS?

Quando Tio Paulo acabou de contar essas coisas tôdas da vida das saúvas, Carlinhos, que durante todo o tempo se mantivera com os olhos arregalados prestando atenção em tudo, exclamou penalizado:

— Mas então é judiaria matar as saúvas! Se elas trabalham tanto!

— Sim, de fato elas são admiráveis exemplos de trabalho e disciplina, disse o dr. André, mas a questão é que para tratar de sua horta, elas estragam as nossas plantas. Se nós deixássemos a saúva invadir nossas terras, esburacando-as e devastando nossas plantações, em breve não teríamos mais comida, pois elas tomariam conta de tudo.

— A saúva é, pois, nociva, ponderou Tio Paulo, é um dos nossos piores inimigos.

— Ora vejam, disse Pedrinho, nós que somos tão grandes, que temos aeroplanos e canhões, somos ameaçados por um inimigo tão pequenino que cabe dentro de nossa mão!

E ainda há inimigos menores, tão pequeninos que nós nem enxergamos. Os micróbios matam muita gente e têm feito estragos piores que as mais horríveis guerras... E assim como nas guerras os generais, à frente de seus exércitos, lançam mão de tôdas as armas para combater seus inimigos, também contra os inimigos pequeninos, como as saúvas e os micróbios, outros generais, à frente de outros soldados, movem guerras implacáveis, sem descanso. Os generais dessas guerras são os cientistas que estudam nos laboratórios os meios de combater os inimigos pequeninos; os soldados são êsses trabalhadores, como os que Carlinhos viu em casa do Coronel Candoca, que vão à procura de saúvas para destruí-las; são os mata-mosquitos que acabam com os terríveis mosquitos que espalham doenças...

— Eu bem disse, interveio Cecília, cheia de si,
— que aquêles homens pareciam soldados!

ABAIXO AS SAÚVAS!

— E como é que êles acabam com as saúvas, titio? perguntou Pedrinho que, apesar de ser valente “torcedor”, acabara por desinteressar-se do jôgo de futebol e desligara o rádio.

Há inúmeras maneiras, mas nem sempre é fácil acabar com os formigueiros, pois é preciso ter muita prática e paciência. Quando se encontra um formigueiro ainda no comêço, logo depois que a içá o abriu, basta dar algumas enxadadas até alcançar a panela, e revolver tudo muito bem, que o formigueiro morre. Quando o sauveiro está um pouquinho maior e já tem algumas panelas, basta despejar um veneno pelo olheiro abaixo. O veneno usado é bisulfureto de carbono, que por sinal tem um cheirinho bem desagradável.

Mas quando o sauveiro é dos grandes e tem uma porção de olheiros, o caso muda de figura. Aí é que se usam os aparelhos que o Carlinhos viu com os homens do Govêrno, na casa do Coronel. Dentro de um fogareiro especial, onde existem brasas, êles misturam arsênico e enxofre, atijando o fogo com um fole. Quando o fogo está bem vivo começa a

sair por um biquinho que há no fogareiro, uma fumaça espessa e abundante. Enfia-se, então, o bico do fogareiro em um dos olheiros do saúveiro, para que a fumaça desça e vá matar o cogumelo das panelas...

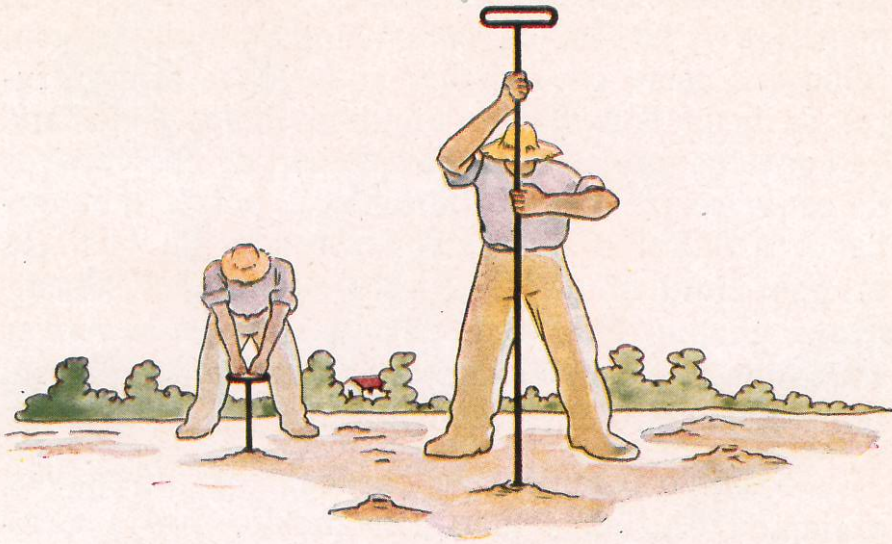
Ora, vocês sabem que a saúva não pode passar sem o seu cogumelo, e alguns dias depois todo o saúveiro está morto.

E ainda há muitos e muitos outros processos...



Aí é que se usam os aparelhos que Carlinhos viu com os homens do Govêrno.

Assim, em certos casos os “mata-formigas” preferem usar uma grande vara de ferro, muito parecida com a que os motorneiros dos bondes enfiam nos



Às vèzes os “mata-formigas” preferem usar umas grandes varas.

trilhos para “abrir a chave” em certas esquinas... Com essa “chave” os mata-formigas” fazem diversos buracos fundos no saueiro; sempre que a “chave” entra num lugar em que há várias painelas, umas em cima das outras, zás! sulfureto no buraco.

— E como é que os homens sabem que a chave entrou na painela? perguntou Pedrinho.

— Êles logo dão por isso, pois a chave, não encontrando terra por baixo, escorrega com mais facilidade, e também porque logo começa a aparecer uma porção de soldadinhos, danados da vida, que sobem pela vara acima, para ver o que podem fazer...

— Também existem umas latinhas muito práticas, que dão excelente resultado contra as saúvas. É um verdadeiro “ôvo de Colombo”, tão simples é o

seu uso. São latinhas do tamanho das latinhas de manteiga; elas têm na tampa um buraquinho com rôlha que serve para encher as latinhas com sulfureto; e de um lado têm um biquinho ligado a um cano de borracha que a gente trata de enfiar nos olheiros do sauveiro. O resto é muito fácil, pois a lata trabalha sòzinha: o sulfureto desprende um gás que sai pelo biquinho da lata e vai descendo pelo formigueiro abaixo. No fim de dois dias podem-se retirar as latinhas, pois o trabalho está pronto e, se fôr bem feito, o sauveiro deve estar morto.

— Então é muito fácil acabar com as saúvas, exclamou Carlinhos todo convencido. Até a Cecília podia fazer isso!

— Sim, é muito fácil, respondeu Tio Paulo. Mas para fazer certo a gente precisa aprender bem direitinho, como aquêles homens que estiveram na casa do Coronel Candoca.

— Pois então eu vou aprender com aquêles homens — disse prontamente Carlinhos — e quando nas férias nós formos à fazenda do Vovô, eu hei de acabar com tôdas as saúvas de “Pedras Altas”.

— Muito bem, continuou Tio Paulo, quando você fôr não se esqueça de que terá uns ajudantezinhos muito bons no combate às saúvas: são as galinhas, as galinhas de Angola, os passarinhos, os tatus... A época das revoadas é de grande alegria para os passarinhos: alguns dêles são excelentes caçadores de içás e fazem proezas incríveis para pegá-las no ar, devorando-as gulosamente.



Os passarinhos são excelentes caçadores de Içá.

— Por aí já podem vocês ver, disse o dr. André, como os passarinhos são úteis. É por isso que eu proibi que vocês andem de estilingue a matar os pobres passarinhos.

— Também as crianças na roça fazem grande sarilho quando há revoadas de içás: elas gostam de correr atrás das formigas para apanhá-las e com elas fazer tôda sorte de brincadeiras — disse D. Rita, que se lembrava muito bem de seus tempos de criança na Fazenda das Pedras Altas, lá para as bandas da Noroeste...

— Pois também as crianças, com êsse brinquedo, ajudam a combater a saúva e acabar com os sauveiros, disse Tio Paulo.

— Era o caso, lembrou o Dr. André, de fazer concursos entre a meninada das fazendas para ver

quem é que caça maior número de içás... Os vencedores ganhariam prêmios...

— E qual seria o prêmio? foi logo perguntando Carlinhos, imaginando que, se fôsse êle o vencedor, gostaria de ganhar uma espingarda grande, para seus exercícios de tiro ao alvo.

O prêmio poderia ser um prato bem cheio de paçoca de içás, sugeriu rindo D. Rita.



As galinhas e galinhas-de-Angola são terríveis inimigos das saúvas.

— Céus, quem é que ia comer paçoca de formigas? exclamou Cecilinha, fazendo engraçado trejeito.

— Os que já comeram dizem que é muito gostosa, explicou D. Rita. Lá na fazenda em que eu nasci os caboclos se regalavam com as içás bem torradinhas...

— Mas o maior inimigo das saúvas, continuou Tio Paulo, é mesmo o tatu. Quando êsse animal descobre um sauveiro, vocês nem podem imaginar o que acontece: começa a cavoucar como doido, fuça tôdas as panelas uma por uma, revira tudo e acaba

estragando todo o formigueiro... Um verdadeiro terremoto no país das saúvas.

— Então o tatu é um bicho bonzinho, disse Cecília cheia de simpatia pelo feio animal, de que sempre tivera medo.

— Excelente êle é! Mas lá na roça muita gente não sabe disso e persegue os tatus de uma maneira bárbara, só pelo gôsto de caçar! E matando o tatu, mata-se um dos melhores soldados da guerra contra a saúva!

PLANOS

Enquanto Tio Paulo falava e todos faziam perguntas sôbre perguntas, o tempo foi passando sem que ninguém desse por isso. Até mesmo Cecílinha, que era muito dorminhoca, estava agüentando firme, com os olhinhos arregalados. Mas quando D. Rita descobriu que já era tão tarde, exclamou:

— Gente, são onze horas! Temos de ir para a cama para amanhã acordar cedinho! O dia seguinte era dia de feira no bairro em que morava a família do dr. André, e D. Rita gostava de ir bem cedinho, para comprar verduras fresquinhas.

As crianças tiveram vontade de reclamar e pedir que as deixassem dormir ali mesmo, ouvindo as histórias do Tio Paulo. Mas eram muito obedientes, como as crianças devem ser, e por isso foram tratando de levantar-se e despedir-se do bom Tio Paulo.

Antes, porém, de irem para a cama, enquanto escovavam os dentes, elas não puderam deixar de conversar ainda um pouquinho sôbre os planos que faziam para as próximas férias na fazenda das Pedras Altas.

Estavam mesmo decididas a acabar com as saúvas!

— Muito bem, disse D. Rita, que de longe os observava sorridente. Agora todos vocês vão dormir e... sonhar com formigas!

.....

... E sonharam mesmo!

Pedrinho sonhou que era um sábio, tão sábio como o tio Paulo, e que vivia criando formigas dentro de gaiolas de vidro.

Carlinhos sonhou que era o melhor matador de formigas do mundo e que, montado num tatu, movia luta de morte contra os terríveis insetos. Mas o tatu era muito grande, do tamanho de uma pequirá.

Finalmente, Cecília sonhou que tôdas as suas bonecas tinham virado formigas enormes e andavam pelo jardim a cortar tôdas as plantas...

COMPÔS E IMPRIMIU
INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA
Salles Oliveira & Cia. Ltda.
RUA AUGUSTA, 235 -- SÃO PAULO
